



A Nigéria contemporânea por Chimamanda Ngozi Adichie: engajamento social no romance pós-colonial

*Contemporary Nigeria presented by Chimamanda Ngozi Adichie:
social engagement in the Adichiean novel*

*Nigéria contemporânea apresentada por Chimamanda Ngozi Adichie:
compromiso social en la novela Adichieana*

Luana Caetano Thibes¹

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RESUMO

O engajamento social tem por definição o ato de se comprometer a algo, além da participação em questões políticas e sociais. São considerados engajados aqueles que estão empenhados em causas elegidas devido a fatores interno-externos, tomando uma posição de luta perante as atribulações que o cercam. Nessa perspectiva, aponto Chimamanda Ngozi Adichie como personalidade conhecida por seu engajamento social. Partindo desse pressuposto, proponho analisar excertos dos três romances adichieanos publicados até o presente momento, *Hibisco roxo* (2003), *Meio sol amarelo* (2006) e *Americanah* (2013), de modo a esmiuçar as representações da Nigéria nos períodos englobados pelas histórias, de 1960 a 2013, e verificar de que modo a autora contribui para ampliar o entendimento de Nigéria, a partir de seu lugar de engajamento, ao apresentar um país completo e complexo, diferente do imaginário de pobreza difundido pela mídia ocidental. Concluo que a distribuição de narrativas criadas por uma mulher, negra, africana-nigeriana e contracanônica em meios acadêmico-teóricos e em meios comerciais parece apontar para uma lenta mudança no paradigma, de modo a dilatar a noção de literatura canônica ocidental. Assim, reforço a decisão de compreender Adichie como símbolo de intelectual engajada, diaspórica e feminista, visto que sua presença no mercado editorial *mainstream* já é um exemplo de transformação dos eixos paradigmáticos da literatura contemporânea.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie; Literatura nigeriana; Engajamento social; Nigéria.

ABSTRACT

Social engagement is, by definition, the act of committing to something, in addition to participation in political and social issues. Those who are committed to elected causes due to internal-external factors are considered engaged, taking a fighting position in the face of the tribulations that surround them. From this perspective, I point out Chimamanda Ngozi Adichie as a personality known for her social engagement. Based on this assumption, I propose to analyze excerpts from the three Adichiean novels published so far, *Purple hibiscus* (2003), *Half of a yellow sun* (2006) and *Americanah* (2013), in order to scrutinize the representations of Nigeria in the periods encompassed by the stories, from 1960 to 2013, and to verify how the author contributes to broadening the understanding of Nigeria, from its place of engagement, by presenting a complete and complex

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da UESC. Licenciada em Letras, com dupla habilitação (Português/Inglês), e mestra em Letras: Linguagens e Representações, ambos pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa de Estudos em Línguas e Literaturas Estrangeiras (GP-ELLE). Atualmente, pesquisa as representações femininas nas obras de Chimamanda Ngozi Adichie. Professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa no Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem da UESB; <https://orcid.org/0000-0002-8849-0096>; Endereço eletrônico: luanacthibes@gmail.com.



country, different from the poverty imaginary widespread by the western media. I conclude that the distribution of narratives created by a black, African-Nigerian and counter-canonical woman in academic-theoretical and commercial circles seems to point to a slow paradigm shift, in order to expand the notion of Western canonical literature. Thus, I reinforce the decision to understand Adichie as a symbol of engaged, diasporic and feminist intellectual, since her presence in the mainstream publishing market is already an example of transformation of the paradigmatic axes of contemporary literature.

Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie; Nigerian Literature; Social engagement; Nigeria.

RESUMEN

El compromiso social es, por definición, el acto de comprometerse con algo, además de la participación en cuestiones políticas y sociales. Quienes se comprometen con causas electas por factores internos-externos se consideran comprometidos, tomando una posición de lucha frente a las tribulaciones que los rodean. Desde esta perspectiva, señalo a Chimamanda Ngozi Adichie como una personalidad conocida por su compromiso social. Con base en este supuesto, propongo analizar extractos de las tres novelas Adichieanas publicadas hasta el momento, *La flor púrpura* (2003), *Medio sol amarillo* (2006) y *Americanah* (2013), con el fin de escudriñar las representaciones de Nigeria en los períodos que abarcan los relatos, desde 1960 hasta 2013, y comprobar cómo el autor contribuye a ampliar la comprensión de Nigeria, desde su lugar de compromiso, al presentar un país completo y complejo, diferente al imaginario de pobreza difundido por los medios occidentales. Concluyo que la distribución de narrativas creadas por una mujer negra, afro-nigeriana y contracanónica en los círculos académico-teóricos y comerciales parece apuntar a un lento cambio de paradigma, con el fin de ampliar la noción de literatura canónica occidental. Así, reforzo la decisión de entender a Adichie como símbolo de una intelectual comprometida, diaspórica y feminista, pues su presencia en el mercado editorial *mainstream* es ya un ejemplo de la transformación de los ejes paradigmáticos de la literatura contemporánea.

Palabras clave: Chimamanda Ngozi Adichie; Literatura nigeriana; Compromiso social; Nigeria.

Introdução

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.

Gayatri Spivak (2010, p. 165)

O engajamento social tem por definição o ato de se comprometer a algo, além da participação em questões políticas e sociais. São considerados engajados aqueles que estão empenhados em causas elegidas devido a fatores interno-externos, tomando uma posição de luta perante as atribulações que o cercam. Nessa perspectiva, aponto Chimamanda Ngozi Adichie como personalidade conhecida por seu engajamento social, evidenciado em diversas plataformas midiáticas. Plataformas essas que podem ser enquadradas como meios a serviço do social, uma vez que expõem uma variedade abrangente de posicionamentos em relação às perspectivas hegemônicas, abordando temas políticos e socioculturais.

No âmbito do convívio social, se encontra o intelectual engajado, o sujeito que aplica seus estudos e conhecimentos para lutar por causas comuns e emancipatórias. De acordo com Chauí (2005), o intelectual engajado surge do sujeito que necessita de algo além de independência – necessita de autonomia para criticar o que lhe é relevante, como as instituições religiosas, políticas e acadêmicas. A filósofa afirma que, do ponto de vista de Sartre, “o intelectual engajado é o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns aos outros. É um estado de vigília permanente.” (CHAUÍ, 2005, p. 6). Ou seja, este sujeito é o pensador insatisfeito com sua realidade e se questiona quanto às diferentes situações a que é exposto. Pensadoras(es), a exemplo de Adichie, que por meio de suas obras, podem expor suas ideias em busca de melhores condições para a realidade de um povo, tendo a coletividade como centro de sua narrativa. Segundo o estudo de Donizeth Santos, esse sujeito intelectual é incapaz de aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, indo contra o esperado, e é geralmente visto como agitador da paz pelos mais interessados em manter padrões hegemônicos que os conservam no poder: “Para o próprio Edward Said, o intelectual é um outsider, um perturbador do status quo, ou seja, não é nem um pacificador nem um criador de consenso.” (SANTOS, 2009, p. 3). Considerando o conjunto da obra de Adichie, somado a sua formação acadêmica, a autora será aqui entendida como intelectual engajada, além da já estabelecida condição de diaspórica e de seu atual reconhecimento internacional enquanto ícone feminista.

Vale ressaltar a importância dos veículos midiáticos para os esforços voltados ao aumento da representatividade em meio aos produtos da mídia hegemônica que ignoram ou estereotipam esses grupos. Por esse ângulo, as publicações de Adichie, entre romances, contos, artigos e manifestos, se fazem indispensáveis para apresentar um retrato mais próximo do nigeriano do século XXI. Nesse sentido, Bhabha afirma que

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o Socius; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade (BHABHA, 2013, p. 80).



Portanto, o papel das publicações provenientes de pessoas africanas negras que vêm conquistando visibilidade em nível internacional recentemente – tal qual Chimamanda – seria o de ir de encontro ao que Bhabha chama de “ato de violência epistemológica” partindo do homem branco para o homem negro. Ou seja, atuar enquanto intelectual de forma a representar o negro livre de estereótipos, contribuindo para o ecoar da voz do antes silenciado e invisibilizado.

A partir dessa perspectiva, friso que, com o propósito de analisar a relevância da escritora no contexto contemporâneo, a compreendo aqui não como pessoa, mas como símbolo de intelectual engajada, diaspórica e feminista, visto que meu intuito é entender de que forma sua persona pública dialoga com suas obras. Acredito, portanto, que o conjunto da obra adichieana contribui para a pertinência da literatura como fonte de questionamentos e veículo de militância política, social, sexual, cultural etc. Adichie está situada em um grupo de autores contemporâneos que escolhem o engajamento pela literatura. Dessa forma, debates acerca da condição do outro deixam o âmbito exclusivamente acadêmico para alcançar outras esferas, atingindo os maiores interessados nas temáticas abordadas pela autora.

Como objetivo central do artigo, proponho analisar excertos dos três romances adichieanos publicados até o presente momento, *Hibisco roxo* ([2003] 2011), *Meio sol amarelo* ([2006] 2008) e *Americanah* ([2013] 2014), de modo a esmiuçar as representações da Nigéria nos períodos englobados pelas histórias, de 1960 a 2013, e verificar de que modo a autora contribui para ampliar o entendimento de Nigéria, a partir de seu lugar de engajamento, ao apresentar um país completo e complexo, diferente do imaginário de pobreza difundido pela mídia ocidental. Para tanto, apresento a autora e suas estratégias de autoficcionalização de modo a buscar similaridades entre sua vida particular e pública e as histórias das personagens criadas por Adichie. Em seguida, traço um panorama geral do contexto nigeriano contemporâneo, palco das histórias analisadas. Por fim, dissecos excertos selecionados dos três romances para refletir sobre as influências do contexto pós-colonial nas representações adichieanas, e como questões relacionadas a política, economia, imigração, religiosidade etc., são tratadas nas obras.

1. A autoficcionalização de Chimamanda Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, no sudeste da Nigéria, no ano de 1977, e foi criada em Nsukka, cidade onde seus pais, James Nwoye Adichie e Grace Ifeoma Adichie, trabalhavam como professores da Universidade da Nigéria. De acordo com a biografia disponível em The Chimamanda Ngozi Adichie Website, mantido pela Université de Liège (Bélgica), a escritora completou o ensino básico na escola vinculada à universidade onde seus pais lecionavam e chegou a cursar um ano e meio de medicina e farmácia na mesma instituição. Entretanto, aos dezenove anos, recebeu uma bolsa de estudos para cursar comunicação na Universidade Drexel, na Filadélfia (Estados Unidos), o que serviu como porta de entrada para sua formação estadunidense. Chimamanda graduou-se em Comunicação e Ciência Política pela Universidade Estadual do Leste de Connecticut e obteve seu título de mestra pela Universidade John Hopkins, período em que começava a trabalhar em seu primeiro romance, *Hibisco roxo* ([2003]2011).

Ao pesquisar a biografia da autora, muitas semelhanças são notadas entre ela e suas personagens, havendo a possibilidade de encontrar equivalências entre detalhes de sua vida pessoal e fatos narrados nos três romances sob análise neste trabalho. Suas três protagonistas são do grupo étnico igbo, assim como Chimamanda, e nas três narrativas observamos personagens que vão (ou foram) estudar no exterior graças ao auxílio de bolsas de estudos, sendo Ifemelu a mais próxima de Adichie nesse sentido, ao se formar em Comunicação em uma universidade estadunidense. A protagonista de *Americanah* (2014) também se assemelha à autora ao postar textos online que acabam viajando o mundo, alcançando leitores em diversos países, assim como as palestras de Adichie acerca de sua visão de mundo enquanto mulher negra nigeriana, tais quais “The danger of a single story” (2009) e “We should all be feminists” (2012). Ambos os trabalhos funcionam como ampla divulgação das opiniões de mulheres negras africanas-nigerianas, no sentido da conscientização de um público extenso.

Outra personagem que nos permite traçar um paralelo com a autora é Amaka, a prima de Kambili, em *Hibisco roxo*. Enquanto Kambili divide com Ifemelu a particularidade da criação em lar estritamente religioso – Adichie já afirmou, em entrevista ao The Guardian



(2013), ter crescido em lar católico, confirmando também que é a religião de escolha de seus pais –, é Amaka quem levanta questionamentos sobre a colonização africana pelo Ocidente, em passagens que parecem saídas diretamente das palestras da autora, como na ocasião em que a personagem problematiza o uso de nomes britânicos na crisma, ao atestar: “Quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes dos povos igbo não eram bons o suficiente. Insistiam para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não deveríamos ter progredido?” (ADICHIE, 2011, p. 286). A prima de Kambili também divide com Adichie o local de criação, Nsukka, assim como o nome e a ocupação da mãe, tia Ifeoma, professora da Universidade da Nigéria.

No romance *Meio sol amarelo* (2008), ao mesmo tempo em que não há uma personagem específica que possa ser relacionada diretamente à autora, sendo Olanna a que mais se aproxima ao ser retratada enquanto intelectual vinculada à Universidade da Nigéria, acreditamos que haja mais características autobiográficas entre as linhas da narrativa do que o leitor pode acompanhar. A própria Chimamanda afirma, nos agradecimentos da obra, que se baseou em histórias reais de pessoas próximas de si, como seus avós e tios.

A esse respeito, a noção de autoficcionalização é uma estratégia de escrita utilizada na literatura contemporânea, em que o autor se coloca no texto. De acordo com Crosariol, muitas vezes “[...] faz-se necessário [para o autor] colocar-se como narrador e personagem da narrativa, de modo que esse tratamento distanciado de si próprio possibilite uma compreensão melhor de sua própria atuação.” (CROSARIOL, 2011, p. 2). Acredito que Chimamanda Adichie recorre à autoficcionalização como forma de narrar a Nigéria contemporânea, desde as dificuldades vividas em um país de independência relativamente recente e certa instabilidade política e socioeconômica, até a complexidade da migração para países ocidentais, a partir de experiências vividas por ela e por pessoas próximas na mesma situação (THIBES; CARVALHO, 2014).

Enquanto narradora pós-colonial – a partir da perspectiva de Carvalho (2009), que descreve o narrador como representante de seu povo –, a autora teria a “responsabilidade” de escrever sobre e sob o ponto de vista da mulher nigeriana no contexto contemporâneo, o que faz de modo hábil, devido a seu contexto de fala e a suas experiências pessoais. Vale ressaltar que Chimamanda Adichie produz em um contexto pós-moderno, mas aqui a considero pós-

colonial devido às especificidades de suas narrativas. De acordo com Carvalho (2012), o ambiente de representação pós-colonial

[...] tem como características gerais aquelas que definem o campo teórico dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, além da especificidade da comunhão, entre seus possíveis canonizados, da mestiçagem da pele e da cultura de povos de maioria negra, certa noção de insularidade de seu imaginário, a rasura-homenagem aos gêneros tradicionais, certo caráter diaspórico de suas atuações sociais e simbólicas, bem como o desrecalque de vozes e textos calados pela historiografia tradicional. (CARVALHO, 2012, p. 97).

Logo, a partir dessa delimitação sugerida por Carvalho, a autora é deslocada de seu lugar de enunciação pós-moderno para ser entendida como pós-colonial devido às temáticas endereçadas, além de sua forma de se posicionar diante da influência ocidental na Nigéria. Adichie pode ser encontrada nas páginas de seus romances, seja pelas condições e oportunidades que foram oferecidas às protagonistas, seja pelas decisões que foram tomadas diante dessas oportunidades.

2. Retratos da Nigéria do século XXI

A República Federal da Nigéria está localizada na África Ocidental, compartilhando fronteiras com a República do Benim, Chade, Camarões e Níger, além do trecho costeiro voltado para o Oceano Atlântico. O país é, atualmente, líder dos índices econômicos, populacionais e militares no continente africano (FILIPPI; XAVIER, 2017), apesar de sua história marcada por uma guerra civil² – narrada em *Meio sol amarelo* (2008) –, diversos golpes de Estado e períodos republicanos. Entretanto, apesar de seu destaque em relação a seus vizinhos africanos, a economia nigeriana ainda está em desenvolvimento, ao passo que enfrenta uma crise política e de segurança, momento em que o Sul e o Norte do país se encontram fragmentados devido a crenças e situações econômicas desiguais.

Com um passado colonial recente, a Nigéria conquistou sua independência do Reino Unido em 1960, após mais de um século e meio de interferência britânica. Devido ao pouco

² Guerra Civil da Nigéria, também conhecida como Guerra Civil Nigeriana, Guerra Nigéria-Biafra ou ainda Guerra do Biafra, que durou de 1967 a 1970.



tempo de autonomia, em comparação com o tempo sob governo europeu, ainda podem ser observadas as marcas da colonização no contexto contemporâneo, que refletem nas vidas dos cidadãos nigerianos. Um exemplo do vestígio da imposição ocidental é a forte presença do cristianismo no país, principalmente no Sul (FILIPPI; XAVIER, 2017), desencadeando boa parte das discordâncias étnicas atuais.

Nesse contexto se encontram os romances de Adichie aqui analisados, que apresentam acontecimentos em três diferentes momentos da história da Nigéria enquanto país independente: *Meio sol amarelo* (2008) nos anos 1960, durante a guerra Nigéria-Biafra; *Hibisco roxo* (2011) nos anos 1990, durante um dos diversos golpes militares; *Americanah* (2014) entre os anos 1990 e 2000, durante as crises econômicas do país e o grande volume de migrações para o ocidente. Ao inserir suas narrativas em momentos reais da história nigeriana, a autora pode explorar temáticas que, ao mesmo tempo que são específicas do país, encontram identificação em diversas outras nações com passado semelhante. Concomitantemente, Chimamanda busca atrair atenção para aspectos políticos, econômicos e socioculturais da Nigéria, incluindo a posição atual do país enquanto potência em desenvolvimento. Em *Hibisco roxo*, tia Ifeoma reflete:

Existem pessoas [...] que acham que nós não conseguimos governar nosso próprio país, pois nas poucas vezes em que tentamos nós falhamos, como se todos os outros que se governam hoje em dia tivessem acertado de primeira. É como dizer a um bebê que está engatinhando, tenta andar e cai de bunda no chão que ele deve permanecer no chão. Como se todos os adultos que passam por ele também não houvessem engatinhado um dia. (ADICHIE, 2011, p. 315).

Ao introduzir personagens envolvidas com assuntos acadêmicos, como professoras e alunas universitárias, a escritora nigeriana tem a oportunidade de explorar tais aspectos de forma mais aprofundada sem perder o caráter verossímil dos romances. Com essa manobra, suas histórias alcançam diferentes níveis sociais, ilustrando de forma descomplexificada temas importantes para a compreensão da posição atual da Nigéria em rankings geográficos internacionais.

Assim, apresento nos subtópicos a seguir uma breve análise dos principais conteúdos abordados em cada obra componente do *corpus* proposto. Dessa maneira, almejo uma compreensão mais efetiva da abrangência das narrativas adichieanas como veículo de

militância, pressupondo que os questionamentos levantados alcançam contextos mais inclusivos, chegando a ambientes periféricos de forma gradativa. Tal pressuposto se impõe devido à popularidade dos livros de Chimamanda entre instituições de ensino básico de diversos países, que vêm incorporando suas obras nas listas de leituras requeridas no início de cada ano letivo.

2.1 *Hibisco roxo*

No romance de estreia de Adichie, *Hibisco roxo* ([2003] 2011), a principal temática abordada é a presença do cristianismo na Nigéria, imposta por colonizadores brancos e tomando proporções desmedidas. A história é contada do ponto de vista da adolescente Kambili, filha de um famoso industrial nigeriano que têm pavor das tradições “primitivas” de seu povo e segue à risca a religiosidade católica-branca imposta ao país. Kambili apaixona-se por um padre ao passar uma temporada na casa da tia, sacerdote esse que acredita que as tradições nigerianas podem ser incorporadas em um catolicismo mais condizente com a realidade de seu país. O catolicismo é seguido à risca pela família da protagonista que, por diversas vezes, é mais devota aos dogmas da igreja que os próprios sacerdotes. Isso faz com que o pai de Kambili se torne um homem respeitado e temido pela comunidade, mesmo por aqueles considerados tradicionalistas – ou pagãos, do ponto de vista cristão –, que seguem as religiões africanas antigas.

Chinua Achebe, um dos nomes nigerianos mais relevantes internacionalmente, considerado o fundador da literatura africana contemporânea, já abordou o tema em *O mundo se despedaça* ([1958] 2009), ao descrever a chegada do branco nas tribos nigerianas como algo interpretado inicialmente de forma inocente e cômica pelos autóctones, para tomar dimensões maiores em pouco tempo, modificando a vida nas vilas. Em uma conversa entre o protagonista de Achebe, Okonkwo, e outro membro de sua tribo, Obierika, pode-se notar a mudança na percepção do real propósito do homem branco nas tribos igbo. Ao mesmo tempo em que Obierika acredita que a língua é o principal empecilho para o entendimento cultural



entre os grupos distintos, ele atesta a “esperteza” do colonizador, ao demonstrar pouca ameaça ao grupo inicialmente, dividindo-o para conquistar:

- Como é que ele pode entender, se nem sequer fala a nossa língua? Mas declara que nossos costumes são ruins; e nossos próprios irmãos, que adotaram a religião dele, também declaram que nossos costumes não prestam. [...] O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. (ACHEBE, 2009, p. 131-132).

O que Obierika não parece atentar é para a esperteza do colonizador ao não se preocupar em entender a língua dos autóctones, impondo seu próprio idioma à medida que impõe suas crenças e costumes. De acordo com Décio Cruz, “[...] os ingleses nunca subestimaram a importância da língua, seja na disseminação de sua língua, literatura e cultura, seja através da separação dos escravos [...]” (CRUZ, 2016, p. 53). Para o teórico, a imposição linguística trouxe vantagens para a expansão imperialista no decorrer da História, tendo como melhor exemplo as línguas românicas que surgiram do latim, imposto pelo império romano ao longo de suas conquistas.

No romance de Achebe, é possível acompanhar o início da imposição cristã em ocorrência sincrônica com a imposição linguística, enquanto na obra adichieana, observa-se as consequências dos anos de exposição às crenças ocidentais. Entretanto, através do olhar ancião de Papa-Nnukwu, o avô de Kambili, encontro similaridades na ilustração do primeiro contato das tribos nigerianas com os missionários britânicos. O idoso, considerado um tradicionalista por seguir a religião anterior à chegada dos europeus, narra a aparição do padre branco em sua tribo anos atrás, e seus questionamentos acerca das crenças cristãs:

- Lembro do primeiro que apareceu em Abba, o que chamavam de Padi John. [...] À tarde, eles reuniam as crianças debaixo da árvore de *ukwa* que há na missão e ensinavam suas religiões a elas. [...] Um dia, perguntei: ‘Onde fica esse deus que vocês adoram?’. Eles disseram que o deus deles era como *Chukwu*, que ele morava no céu. E eu perguntei: ‘Quem é essa pessoa que foi morta, essa que fica pendurada na madeira do lado de fora da missão?’. Eles disseram que era o filho, mas que o filho e o pai eram iguais. Foi então que eu tive certeza de que o branco era louco. O filho e o pai iguais? *Tufia!* (ADICHIE, 2011, p. 92-93).

Para Papa-Nnukwu, o motivo de seu filho ter virado as costas para as tradições familiares encontra-se nos próprios dogmas cristãos. Ao obter explicações rasas sobre símbolos do catolicismo, o homem conclui que a religião por ele desconhecida prega a igualdade nas relações familiares, em oposição à hierarquia em que ele acredita e criou seus filhos. Para ele, essa seria a única razão para que Eugene se voltasse contra o pai e suas crenças. Entretanto, o pai de Kambili foi seduzido pela ideia de superioridade branca, ao encontrar o que acreditou ser aceitação na igreja católica. Assim como Nwoye, filho de Okonkwo, em *O mundo se despedaça*, Eugene adere à nova crença acreditando em um ideal igualitário perante o deus cristão, o que o faz agir em função da equiparação com o homem branco. Em *Hibisco roxo*, Adichie não deixa clara outra razão para essa conversão, ao passo que, em *O mundo se despedaça*, Nwoye também se vê acolhido pelos missionários cristãos, após ser rejeitado por seu próprio pai como fraco e afeminado. Ao se converterem, as personagens crescem tendo como modelo os ideais cristãos europeus, mesmo que nunca os alcancem. As noções de certo e errado de Eugene e Nwoye são moldadas em torno das crenças do outro, assim como as de cultura e civilidade.

A título de elucidação teórica, Césaire (2011) afirma: “[...] sempre que houve colonização, povos inteiros foram esvaziados da sua cultura, esvaziados de toda a cultura” (p. 258). Na narrativa aqui abordada, esse esvaziamento cultural ocorre devido à demonização dos costumes africanos, assimilados enquanto tradições pagãs pelos cristãos. Logo, para os seguidores africanos da religião europeia, é expectável haver um complexo de inferioridade proveniente da convicção de que a cultura nacional é inadequada. Vale lembrar que “[...] o famoso complexo de inferioridade que se gosta de assinalar nos colonizados não é um acaso. É o resultado procurado pelo colonizador” (CÉSAIRE, 2011, p. 269). Assim, passamos a encontrar sentido na postura do colonizador, que impõe sua cultura e exige que o colonizado a siga sem intenções de aceitá-lo como igual, como forma de controle social.

Através do relato de Fanon (2008), é possível compreender o sistema intrincado que estabelece as relações de poder que surgiram nas colônias, territórios que, mesmo após conquistarem o status de países independentes, não se desvencilharam das marcas do passado colonial recente. O psiquiatra discorre sobre o desejo do negro de ser branco, de se aproximar



da cultura branca, justificando essa necessidade devido à vivência em uma sociedade que “torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo” (FANON, 2008, p. 95). Para ele, o negro é colocado em “situação neurótica” graças às dificuldades que lhe são causadas por essa sociedade que afirma a superioridade de uma raça.

Além desse complexo de inferioridade, há ainda a problemática do sucateamento das ex-colônias, o que acaba forçando o cidadão nigeriano – no caso das obras aqui analisadas – a migrar para o ocidente em busca de melhores condições. Assim, diversas personagens adichieanas migram para o Norte em busca do modelo ocidental que lhes foi imposto como referência de civilidade. Os três romances de Adichie nos permitem acompanhar diversas fases desse processo de migração, desde a decisão de mudança para países ocidentais, passando pelos preparativos e a vivência enquanto africano no exterior e, por fim, a volta para a Nigéria e seus desdobramentos. Em *Hibisco roxo* (2008), a partir da decisão de tia Ifeoma de mudar-se para os Estados Unidos com os filhos em virtude da falta de pagamento da Universidade de Nsukka, são representados os dois pontos de vista relativos à busca por melhores condições de vida em outro país. Amaka e Obiora, irmãos com pontos de vista opostos, discutem:

- Como assim, ir embora? Por que precisamos fugir do nosso próprio país? Por que não podemos consertá-lo? – perguntou Amaka.
- Consertar o quê? [...]
- Então temos de fugir? Essa é a resposta, fugir? [...]
- Não é fugir, é ser realista. Quando chegar a hora de estudarmos na universidade, todos os professores bons vão ter se cansado de todo esse absurdo e já vão ter se mudado para o exterior. (ADICHIE, 2011, p. 244-245).

Os dois jovens têm argumentos contrastantes, que são igualmente válidos. Enquanto Obiora pensa no próprio futuro, e em como terá poucas chances de acesso a uma educação de qualidade se continuar morando em um país com o ensino sucateado, Amaka assume postura patriótica, ao colocar as necessidades do local em que nasceu à frente das suas. Para a moça, “fugir” não é a solução, mas sim lutar para que as gerações futuras também não tenham que migrar para o Norte. Amaka parece compartilhar do ponto de vista da mãe, que acredita no desenvolvimento da Nigéria e que, ao desistir de sua terra, estará privando-a da possibilidade

de “crescimento”. Entretanto, apesar de sua crença esperançosa em relação ao futuro da nação, tia Ifeoma prioriza o futuro de seus filhos, emigrando para os Estados Unidos em busca de melhor oportunidade para a família.

2.2 *Meio sol amarelo*

No romance *Meio sol amarelo* ([2006] 2008), os horrores da guerra que se segue à tentativa de secessão e criação do estado independente de Biafra são contados por Chimamanda do ponto de vista de três personagens-chave, de forma a abranger diferentes perspectivas da experiência vivida na Nigéria dos anos 60, tanto no contexto pós-independência e pré-guerra, quanto no final da década, quando de fato deflagrou-se o conflito entre igbos e demais etnias. Os capítulos do romance se organizam em um sistema de rodízio, priorizando o olhar de Olanna, filha de uma família rica e importante da Nigéria, Ugwu, jovem que trabalha como empregado na casa de Olanna e Odenigbo, e Richard, britânico que viajou para a Nigéria em busca de inspiração para escrever um romance, personagens que percorrem trajetórias unificadas por variados motivos.

Voltando o olhar para Ugwu e Richard, os personagens simbolizam extremidades opostas dos castigados pela guerra: o primeiro, um jovem nigeriano oriundo de uma vila com poucos recursos no interior da Nigéria, e o segundo, um escritor britânico interessado na cultura e arte igbo.

O jovem aldeão ocupa posição inferior aos demais personagens devido a seu posto de serviçal, trabalhando na limpeza e manutenção da casa de Odenigbo, o companheiro de Olanna. Através da narrativa, verifica-se que o posto ocupado por Ugwu é comum em muitas casas nigerianas, onde os moradores têm a sua disposição criados que habitam a própria residência, na maioria das vezes realizando seu trabalho em troca de abrigo e comida. A situação de Ugwu é descrita como satisfatória (e atípica), visto que o rapaz tem direito a uma cama, a escolher o cardápio que irá cozinhar para seus patrões e a outros pequenos detalhes que o elevam à condição de humano.



O lugar de criadagem de Ugwu também o coloca em posição mais vulnerável no decorrer da guerra, tornando-o alvo fácil para o recrutamento involuntário realizado por grupos pertencentes ao exército de Biafra. O jovem igbo é inevitavelmente forçado a se juntar aos guerrilheiros, o que lhe rende sentimentos conflituosos. Ao mesmo tempo em que não gostaria de participar dos combates armados e presenciar os horrores da guerra, Ugwu se sente cumprindo sua responsabilidade para a independência de Biafra, ao tomar parte de algo que considera maior que ele mesmo. Entretanto, se sentir pertencente ao grupo toma dimensões inesperadas quando o aldeão participa do estupro coletivo de uma garçonne, após ceder à pressão de seus colegas. A passagem sobre o ato é descrita de seu ponto de vista, revelando os conflitos internos do rapaz:

No chão, a moça não se mexia. Ugwu desceu a calça, surpreso com a rapidez de sua ereção. Ela estava seca e tensa quando entrou nela. Ugwu não olhou para o rosto dela, nem para o homem segurando seus ombros, nem para nada, enquanto se movia rapidamente e sentia seu próprio clímax, a onda de fluidos chegando: um desafogo de auto-repulsão. (ADICHIE, 2008, p. 423).

O ato violento do estupro da “moça do bar” (assim referida no romance) reflete a necessidade dos componentes do batalhão de Ugwu de reforçar uma posição de poder fraquejada pelas consecutivas derrotas na guerra. Para Spivak, “[...] o estupro grupal perpetrado pelos conquistadores é uma celebração metonímica da aquisição territorial.” (SPIVAK, 2010, p. 110). A teórica indiana fala dos estupros cometidos por muçulmanos a viúvas de guerra na Índia, mas aqui traço um paralelo com a situação narrada por Adichie, enxergando a ação dos guerrilheiros enquanto conquista territorial. Para além disso, observo que o estupro é uma das marcas históricas dos processos de colonização, praticado como forma de dominação pelos autodenominados conquistadores. Cruz compara a invasão territorial com a invasão do corpo feminino, ao afirmar:

A visão da terra e da mulher na condição de submissão, como algo a serviço do homem branco europeu para ser literalmente estuprada ou usada de acordo com a sua conveniência foi a imagem trazida pelos colonizadores e disseminada ao longo do processo colonial. (CRUZ, 2016, p. 229).

Considerando o estupro como uma das mais conhecidas formas de dominação da História mundial, não posso afirmar que o ato cometido pelo grupo de Ugwu sofreu influência direta dos anos de convivência com o colonizador europeu. Contudo, não ignoro o contexto pós-colonial em que o romance se passa, quando os habitantes do território nigeriano tiveram, de fato, contato com a brutalidade e as diversas formas de imposição britânica. Os soldados lutando por Biafra se organizam a partir dos conhecimentos de batalha ocidentais, com uniformes que imitam os padrões das grandes guerras, discutindo “operações” em seu “quartel-general”, se diferenciando dos “civis”, de forma a realizar a grande “performance” do que eles aprenderam que seria uma guerra civil. Assim, acredito ser possível estabelecer uma conexão entre o estupro da moça do bar e os diversos estupros (além de outras formas de abuso) que esses soldados assimilaram ao presenciar o colonizador impor sua superioridade às tribos nigerianas.

No outro extremo dos atingidos pela Guerra de Biafra encontra-se Richard, o escritor britânico que se muda para a Nigéria no início dos anos 60 para buscar inspiração nas obras de arte Igbo-Ukwu. A pretensão de Richard ao migrar para o país africano é ter contato direto com a cultura, de forma a escrever um livro a partir de sua própria vivência. A decisão do britânico revela uma visão romantizada da África, e do que ele acredita que seria sua experiência como “cidadão do mundo”. No entanto, o escritor passa boa parte de seus primeiros anos no país se desvencilhando da própria cultura europeia, visto que as pessoas com que se relaciona se esforçam para mantê-lo confortável na redoma britânica criada em território nigeriano.

Entre as pessoas que procuram proteger Richard da “incivilidade” nigeriana, está sua namorada Susan, mulher britânica que, apesar de morar na Nigéria há anos, frequenta apenas eventos organizados por pessoas de seu próprio continente. São as festas de expatriados, as quais o escritor comparece contra a própria vontade, para satisfazer a companheira. Nessas reuniões, os convidados aproveitam para trocar impressões sobre a vida no país africano sem a preocupação de ofender o povo nigeriano. São momentos em que Richard se sente deslocado, pois tem uma visão diferente dos outros imigrantes britânicos. Como na passagem narrada a seguir:



Sentia-se incomodado no meio daqueles homens. Eram quase todos ingleses, ex-administradores da ex-colônia, empresários da John Holt, Kingsway, GB Ollivant, Shell-BP e United Africa Company. Uma gente vermelha de álcool e de sol. Soltavam risadas e comentavam que a política nigeriana ainda era muito tribal, que talvez eles ainda não estivessem prontos para se autogovernar. (ADICHIE, 2008, p. 67-68).

Em uma sala fechada apenas com não-nigerianos, é fácil discutir sobre as questões políticas e socioeconômicas do país a partir do olhar de fora, daqueles que acreditam que sua verdade é absoluta. Esse grupo de homens está na Nigéria desde antes da independência, e provavelmente acredita que o país estivesse melhor na condição de colônia da Inglaterra. Envoltos na redoma europeia, comandam as empresas estrangeiras que se alastram no país até hoje, crendo serem sobreviventes da “selva nigeriana”, enquanto habitam capitais.

Richard se enxerga de forma diferente, e em pouco tempo se envolve com uma mulher negra nigeriana, colocando-se, por diversas vezes, em posição submissa no relacionamento. Sua subserviência demonstra a necessidade de aceitação pela cultura e povo nigeriano, percorrendo o caminho inverso ao realizado por seus conterrâneos. O escritor quer ser reconhecido como igbo, como pertencente à cultura que admira. Ao se envolver romanticamente com uma mulher igbo, confia estar mais próximo de seu objetivo.

2.3 *Americanah*

No último romance publicado pela autora, *Americanah* ([2013]2014), o casal de jovens Ifemelu e Obinze vivem o primeiro amor em meio a um cenário de instabilidade política e econômica, e opta por migrar para países de cultura predominantemente ocidental em busca de melhores oportunidades. A narrativa permite acompanhar a rotina das personagens enquanto ainda moram na Nigéria, bem como a imagem que constroem dos considerados países de primeiro mundo. Também nos apresenta quem são esses jovens que cresceram em meio à cultura imposta, misturada a seus próprios costumes, e quais são as expectativas que eles criam da vida no exterior.

No esteio da caracterização que Carvalho (2009) apresenta acerca do narrador pós-colonial, as narrativas aqui abordadas mesclam vivências alheias, mas enfocam

primordialmente as reminiscências do vivido pelas próprias protagonistas nos contatos com o território e com a cultura do império britânico. De fato, para essa narradora pós-colonial, “[...] o caráter relacional e coletivo, a partir da experiência vivida, [lhe] é central, mesmo que seja uma narrativa inviável para muitos, mas que é [...] um risco que deve sempre ser corrido.” (CARVALHO, 2009, p. 8). O risco de generalizações trazido por essa autorrepresentação, ao buscar representar vozes coletivas de seus povos, é aceito por Adichie. Cabe a seus leitores – como tento fazer aqui – a tarefa de problematizar esses lugares narrativos. Isto posto, é possível observar a construção da imagem britânica pelos nigerianos representados em *Americanah* a seguir:

‘A escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo.’ [...]

‘Ah, sim, Sidcot Hall’, disse Kosi. ‘Está no topo da minha lista justamente porque sei que seguem o currículo britânico.’ [...]

‘Se decidir colocar sua filha em desvantagem mandando-a estudar numa dessas escolas com professores nigerianos de meia-tigela, a responsabilidade é sua’, disse a sra. Akin-Cole. Ela falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados, como seu cartão executivo da British Airlines estava repleto de milhas. (ADICHIE, 2014, p. 28-29).

Para esses nigerianos, tudo que for importado da cultura ocidental é melhor. As duas mulheres discutem sobre opções de escolas na região, e enquanto ficam na dúvida entre duas instituições com currículos europeus, descartam imediatamente o próprio ensino nigeriano. Para elas e para muitas outras personagens representadas no romance, a produção nacional é inferior. Qualquer oportunidade de acesso ao importado deve ser aproveitada. Nota-se que forçar um sotaque que não seja africano é visto com bons olhos. Mostra que a pessoa é viajada. Para os cidadãos com melhor condição financeira, a forma mais efetiva de ostentar sua situação vantajosa é deixar claro que tiveram acesso à educação ocidental.

Pelo ângulo da experiência vivida pelo narrador pós-colonial, Obinze, principal interesse amoroso de Ifemelu, chega à Europa, e pode ver se suas expectativas criadas em torno do imaginário do (ex-)império britânico se tornarão realidade ou não. Obinze se mantém ilegalmente na Inglaterra, enquanto sua namorada se muda para os Estados Unidos, em



trânsitos nos quais podemos acompanhar seu “descobrimento” do velho império e de suas atuais configurações sociais e culturais (THIBES; CARVALHO, 2016). O jovem estudante nigeriano tem uma grande decepção, pois cresceu ouvindo falar das vantagens e da grandiosidade do velho mundo. Ao chegar à Inglaterra, encontra apenas dificuldades para ser aceito devido a sua condição irregular e do preconceito que direcionavam a ele:

Obinze se sentou no assento manchado do metrô barulhento, diante de uma mulher que estava lendo a edição vespertina do jornal. A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES. [...] esses artigos eram escritos e lidos, de forma simples e histórica, como se seus autores vivessem num mundo onde o presente não tinha ligação com o passado e nunca tivessem considerado que esse era o curso normal da história: a chegada em massa à Inglaterra de negros vindos de países criados pelo Reino Unido. Mas Obinze entendia. Só podia ser reconfortante negar a história daquela maneira. A mulher fechou o jornal e olhou para ele. [...] Será que estava imaginando se ele seria um daqueles imigrantes ilegais que entupiam uma ilha já cheia de gente? (ADICHIE, 2014, p. 217).

Obinze “sente na pele” o preconceito com o qual nunca precisou lidar enquanto morava na Nigéria. Essa rejeição o faz decepcionar-se com o país de que tanto ouviu falar e do qual esperava uma oferta de vida melhor. Ele percebe que a imagem de superioridade vendida pelo colonizador só diz respeito ao próprio colonizador europeu. Por mais que o africano-nigeriano se esforce para imitar os costumes e a cultura ocidental, talvez nunca venha a ser aceito como igual, tendo que se contentar com uma vida marginalizada.

Traçando um paralelo com o relato de Fanon (2008) acerca de sua experiência pessoal na França, na condição de nativo da Martinica (ex-colônia francesa), podem-se notar pontos de contato entre ficção e não-ficção, tal qual a circunstância análoga da viagem de trem, que atrai olhares desconfiados:

No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. [...] Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. (FANON, 2008, p. 105).

Obinze pode ser comparado ao psiquiatra martinicano que conta sobre a solidão do negro em terras estrangeiras. Em *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon disserta: “Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-

aqui, constituindo-me como objeto.” (FANON, 2008, p. 106). Paralelamente à relação do martinicano com o colonizador francês, a experiência da personagem adichieana também evidencia a dificuldade do britânico em aceitar a imigração de cidadãos de países chamados subdesenvolvidos para a Inglaterra, o que Bhabha (1998) descreve como um “embate de fronteira acerca da diferença”, ao afirmar que

Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 21).

Em *Americanah*, esses embates conflituosos são destacados. Dessa forma, as minorias ficam em posição ainda mais marginalizada, apesar da hibridização cultural. Os imigrantes que compõem esses grupos subordinados enfrentam não só as barreiras físicas impostas pelos países dominantes, mas principalmente as barreiras sociais. O olhar discriminatório dos europeus, a indiferença, a frieza e a antipatia fazem-se presentes em quase todos os âmbitos de suas vidas. Esse tratamento negativo faz com que a imagem da Inglaterra como um país de oportunidades seja abalada, e pode reforçar ou destruir a noção de superioridade imposta pelo colonizador.

Esse reforço ocorre quando o colonizado passa a aceitar a imposição de sua inferioridade, comprando a ideia de que de fato nunca se igualará ao colonizador e de que deve abaixar a cabeça enquanto indivíduo subjugado. Já a destruição da noção de superioridade ocorre quando o colonizado não só cria ressentimento do (ex-)colonizador, mas adota a percepção de que esse (ex-) colonizador é um indivíduo mesquinho que não conhece sua história e seu passado e que o inferioriza em busca de autoafirmação.

Enquanto o colonizado não tem outra escolha a não ser aceitar a imposição da hegemonia ocidental ou se revoltar com a inferiorização a que é submetido, o (ex-) colonizador, em geral, sempre o discriminará, acreditando de fato que sua cultura é superior enquanto os habitantes de países previamente dominados mantêm costumes bárbaros suavizados pela influência da colônia (THIBES; CARVALHO, 2016). Essa noção é reforçada



por políticas migratórias preconceituosas e excludentes, que colocam o imigrante de países em desenvolvimento como indesejado e causador de tumulto em seu país.

Para esses imigrantes, a vida no país dominante é difícil, pois apesar da crença implantada pelo colonizador de que seus costumes são superiores, a pessoa que migra de países marginalizados para países centrais nunca se sentirá incluída nas vantagens que lhe foram prometidas. Logo, as expectativas criadas em torno do imaginário construído sobre a metrópole são derrubadas, e além de enfrentar essa decepção, o imigrante – ou visitante – que chega ao (ex-)império também enfrentará o preconceito e a exclusão provenientes do cidadão europeu resistente à ideia da hibridização que inevitavelmente ocorrerá com a presença desses novos habitantes. Esse preconceito se apresenta em forma de discriminação exposta ou velada, e de maus tratos e piadas de mau gosto direcionadas a eles pelo cidadão europeu.

O romance adichieano de 2013 destaca, também, a infraestrutura defasada do país – que sofre com a instabilidade econômica e política – como elemento-chave para a emigração de Ifemelu, estudante universitária que tem sua educação descontinuada devido a greves contínuas e, ao conseguir uma bolsa de estudos norte-americana, migra para os Estados Unidos.

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destroçados por membros do governo cujos filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, as salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país. (ADICHIE, 2014, p. 109).

A temática da migração em busca dos estudos repete-se nas três obras aqui analisadas, o que advém das greves consecutivas nas instituições de ensino superior como principal motivo da mudança para os Estados Unidos, tanto em *Americanah* quanto em *Hibisco roxo*. Novamente, apontamos para o ideal eurocêntrico que habita o imaginário das personagens adichieanas.

O romance nigeriano apresenta diversas situações em que podemos observar mentes colonizadas, quando discussões acerca do ensino, dos filmes, de produtos, sempre giram em torno de duas opções: países europeus ou Estados Unidos. Ao passo que em tais discussões ambas as opções contam com defensores fervorosos, o produto nacional sequer entra na

conversa ou, quando entra, é abordado de forma a ser ridicularizado. O conhecimento eurocêntrico, entretanto, é celebrado, visto como sinal de triunfo e distinção para quem o possui.

Obinze era fluente em seu conhecimento das coisas de fora, especialmente as que vinham dos Estados Unidos. Todos assistiam a filmes americanos e trocavam revistas americanas com as folhas apagadas, mas ele sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás. [...] ‘Você está parecendo uma negra americana’ era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 76).

Logo, ser chamada de “uma negra americana” seria considerado o maior dos elogios entre as mentes nigerianas colonizadas. Seria o mesmo que ser chamada de “bela” e, principalmente, “civilizada”, correspondendo ao parâmetro estipulado pelo colonizador branco. Contudo, ao migrar para o centro, Ifemelu tem a possibilidade de refletir sobre seu lugar enquanto mulher negra e sobre a inviabilidade de adequação ao modelo hegemônico ocidental branco, sendo sempre vista como subalterna e passível de melhoras – que nunca alcançarão o parâmetro imposto.

Considerações finais

Com a ampliação dos estudos pós-coloniais, entre outros que promovem a voz do marginalizado, é possível ampliar o entendimento de países considerados periféricos, como é o caso da Nigéria, país em desenvolvimento que, ao mesmo tempo em que ocupa uma boa colocação no ranking econômico em relação a países vizinhos, ainda está distante dos países considerados desenvolvidos. As obras de Chimamanda Adichie são importantes para difundir representações ficcionais da atualidade como fonte de aprendizado e conhecimento de mundo, ao apresentarem um país complexo, diferente do imaginário de pobreza difundido pela mídia ocidental. Suas histórias se inserem em um contexto pós-colonial que nos disponibiliza narrativas condizentes às experiências vividas, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações na sociedade contemporânea. Com a ampla divulgação de seu trabalho, debates acerca da condição do Outro deixam o âmbito



exclusivamente acadêmico para alcançar outras esferas, atingindo os maiores interessados nas temáticas abordadas pela autora.

Na palestra realizada em julho de 2009 para o TEDGlobal, publicada posteriormente em formato de livro-manifesto, intitulada *O perigo de uma história única*, Chimamanda discorre sobre como países que não têm muito espaço na mídia hegemônica, seja por serem considerados em desenvolvimento, seja por não fazerem parte do contexto ocidental, correm o risco de terem suas histórias contadas a partir de apenas um ponto de vista. A autora destaca os perigos de contentar-se com as imagens unidimensionais de culturas das quais não recebemos muita informação, devido à falta de interesse dos veículos de comunicação. Em uma fala de aproximadamente dezoito minutos, Adichie relata experiências em que foi alvo de um entendimento estereotipado sobre o povo africano-nigeriano. Também conta sobre situações em que foi a disseminadora de um conhecimento fragmentado sobre o Outro.

A distribuição de narrativas criadas por uma mulher, negra, africana-nigeriana e contracanônica em meios acadêmico-teóricos e em meios comerciais parece apontar para uma lenta mudança no paradigma, de modo a dilatar a noção de literatura canônica ocidental. Assim, reforço a decisão de compreender Adichie como símbolo de intelectual engajada, diaspórica e feminista, visto que sua presença no mercado editorial *mainstream* já é um exemplo de transformação dos eixos paradigmáticos da literatura contemporânea.

Referências

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Tradução Julia Romeu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. Tradução Beth Vieira. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. **TED** Ideas worth spreading. TED Conferences, LLC. TEDGlobal: Jul 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 09 nov. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. We should all be feminists. **TED** Ideas worth spreading. TED Conferences, LLC. TEDxEuston: Dec. 2012. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists. Acesso em: 09 nov. 2022.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARVALHO, Isaías Francisco de. **Omeros e Viva o povo brasileiro**: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido. Tese (doutorado) – Salvador: UFBA, 2012.

CARVALHO, Isaías Francisco de. O narrador pós-colonial. In: **Anais do I CONLIRE – Congresso Nacional de Linguagens e Representações**: Linguagens e Leituras; UESC – Ilhéus, Bahia / outubro de 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-19.pdf. Acesso em 09 nov. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. Cultura e colonização. In: SANCHES, M. R. (Org.) **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 253-272.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? **Ciclo de conferências “O silêncio dos intelectuais”**. 22 de agosto a 5 de outubro de 2005, no Teatro Maison de France – Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf. Acesso em: 09 nov. 2022.

CROSARIOL, Isabelita Maria. Apontamentos sobre a autoficcionalização na literatura contemporânea. **XII Congresso Internacional da ABRALIC** Centro, Centros – Ética, Estética. 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0918-1.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

CRUZ, Décio Torres. **Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa**. Salvador: EDUFBA, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FILIPPI, Eduardo E; XAVIER, Rafael C. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. In: **Revista Conjuntura Austral**. Porto Alegre, v.8, n. 42, jun./jul. 2017. p. 78-95. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/72468>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Representações do intelectual engajado na obra de Erico Veríssimo. **Organon**. Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2009, p. 147–161. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29515>. Acesso em: 09 nov. 2022.



SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIBES, Luana Caetano; CARVALHO, Isaías Francisco de. A mulher negra e o engajamento social em *Meridian* e *Americanah*. **Anais do VI SEPEXLE: Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2014. p. 192-198. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/sepexle/visepexle/anais_visepexle2014.pdf. Acesso em: 09 nov. 2022.

THIBES, Luana Caetano; CARVALHO, Isaías Francisco de. Mímica versus experiência em Adichie e Kincaid: o império na perspectiva do colonizado. **Folio** (Online): revista de letras, v. 8, 2016. p. 199-214. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/2855>. Acesso em: 09 nov. 2022.

TUNCA, Daria. **Biography**. The Chimamanda Ngozi Adichie Website. © 2004-2017 Daria Tunca. Disponível em: <http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>. Acesso em: 09 nov. 2022.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 11 de novembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de dezembro de 2022.